

TRANSURFING

A REALIDADE DESNUDADA

Vadim Zeland

tradução de Júlia Bárány

1a. edição



Bárány
Editora

São Paulo

2015

Copyright 2014 (c) Vadim Zeland
Todos os direitos reservados
Publicado no Brasil conforme acordo com Ves
Título original russo: Transurfing

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer armazenamento de informação, e sistema de cópia, sem permissão escrita do editor.

Direção editorial: Júlia Bárány
Tradução do russo: Júlia Bárány
Preparação: Barany Editora
Revisão: Barany Editora
Diagramação: Barany Editora
Capa: Barany Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Elaboração: Aglaé de Lima Fierli, CRB-9/412)

029m Zeland, Vadim (1959-)
Transurfing - a realidade desnudada/ Vadim Zeland; tradução Júlia Bárány- 1. ed.
São Paulo: Barany, 2015, xxxp. 16 x 23 cm.
Do original russo: Transurfing
ISBN: 978-85-61080-xx-x

1. Psicoterapia. 2. Autoconhecimento. I. Título. II. Bárány, Júlia, trad.

CDD 154

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Psicoterapia 154
Autoconhecimento 813.7



Livro para ser Livre

Todos os direitos desta publicação reservados à Barany Editora (c) 2015
contato@baranyeditora.com.br
www.baranyeditora.com.br

Prólogo

Transurfing – Primeiro passo: O Espaço das Variantes

Este é o primeiro volume da trilogia de Vadim Zeland: Transurfing a Realidade. Trata-se de aspectos muito estranhos e inusitados. Costuma chocar tanto que nem se quer acreditar. Mas acreditar não é necessário – você mesmo se convencerá de tudo. Somente esteja pronto para que, depois de ler esta obra, sua visão de mundo habitual desmorone, pois a obra traz ideias atrevidas por sua radicalidade.

Transurfing – é uma técnica poderosa, que confere a capacidade de realizar feitos impossíveis na concepção comum, ou seja – conduzir seu destino de acordo com suas escolhas. O fundamento de Transurfing está no modelo das variantes – princípios de uma nova visão de como o nosso mundo é organizado. Este é um passo no Transurfing e os primeiros passos do mago. O ser humano não sabe que pode deixar de lutar e assim conseguir o que deseja. Você terá sentimentos intransmissíveis quando descobrir em si capacidades que nunca desconfiou possuir. Parece-se com a sensação da queda livre – o inconcebível possui tão estonteante audácia ao tornar-se realidade que você perde o fôlego!

Para um círculo amplo de leitores.

SUMÁRIO

Prólogo - 5

Prefácio - 11

I – Modelo das Variantes - 13

Nesse capítulo se oferece a introdução teórica ao Transurfing. A base conceitual do Transurfing é o modelo das variantes – princípios de uma nova visão da organização do nosso mundo. O ser humano não sabe que pode deixar de lutar, e simplesmente conseguir o que deseja. Por que isso é possível?

Murmúrio das estrelas matutinas - 13

Enigma do Guardião - 19

Resumo - 37

II – Pêndulos - 39

Grupo de seres humanos pensando na mesma direção cria estruturas energoinformacionais – pêndulos. Essas estruturas passam a se desenvolver independentemente e submetem as pessoas às suas leis. As pessoas não se dão conta que agem involuntariamente a favor dos interesses dos pêndulos. Como despertar de toda essa alucinação?

Pêndulos destrutivos - 39

Luta dos pêndulos - 44

Os cordões das marionetes - 48

Você recebe aquilo que não quer - 52

Derrubada do pêndulo - 53

Desligando do pêndulo - 57

Soluções simples de problemas complicados - 62

Situação suspensa - 64

Resumo - 66

III – Onda de sucesso - 67

Metáforas como “pássaro azul” ou “roda da fortuna” possuem um fundamento inteiramente material. Sabe-se que êxito ou fracasso seguem um ao outro, como listas pretas e brancas. Como eliminar as listas pretas de sua vida?

O antípoda do pêndulo - 67

Bumerangue - 70

Vibração - 73

Rituais mágicos - 77

Resumo - 78

IV – Equilíbrio - 79

As pessoas criam para si problemas e obstáculos, mas depois guardam forças para a superação destes. Ao contrário do ponto de vista comum, Transurfing mostra que as razões dos problemas se encontram num âmbito totalmente diferente. Como eliminar os problemas de sua vida?

Potenciais excedentes - 79

Insatisfação e julgamento - 85

Relação de dependência - 89

Idealização e supervalorização - 91

Desprezo e vanglória - 96

Superioridade e inferioridade - 98

Desejo de ter e não ter - 103

Sentimento de culpa - 106

Dinheiro - 112

Perfeição - 115

Importância - 117

Da luta ao equilíbrio - 121

Resumo - 126

V – Transferência induzida - 129

Por que toda geração mais velha acha que antes a vida era melhor? Quantas gerações já passaram desde o início da história da humanidade! E cada geração está convicta de que o mundo piorou. Então o mundo tende a se degradar? Se assim fosse, bastariam à humanidade algumas dezenas de gerações, para tudo simplesmente cair no inferno. O que é que acontece?

Sucessão das gerações - 129

O funil do pêndulo - 134

Catástrofe - 137

Guerra - 139

Desemprego - 141

Epidemia - 142

Pânico - 144

Miséria - 145

Resumo - 150

VI – Fluxo das variantes - 151

De onde vêm os pressentimentos, a intuição, as profecias, as descobertas e também os gênios da arte? Será que a razão do ser humano realiza e cria? Fluxo de variantes – é uma dádiva maravilhosa à razão, mas o ser humano nem desconfia disso. O que são “sinais” e por que funcionam?

Campo da informação - 151

Conhecimento vindo do nada - 154

Pedinte, Magoado e Guerreiro - 159

Movimento de acordo com a corrente - 162

Placas de trânsito - 168

Soltar a situação - 174

Resumo - 180

PREFÁCIO

Caro leitor!

Você, com certeza, assim como todos, quer viver confortavelmente, na abundância, sem doenças nem desastres. No entanto, a vida dispõe de outra forma e brinca com você, um barquinho de papel num córrego turbulento. Na perseguição da felicidade, você já experimentou bastante recursos conhecidos. Será que conseguiu muita coisa, enquadrado na tradicional visão de mundo?

Este livro trata de coisas muito estranhas e incomuns. Tudo isso choca tanto que as pessoas se recusam a acreditar. Mas não será exigida a sua crença. Aqui se apresentam métodos com a ajuda dos quais você poderá verificar tudo por si mesmo. É então que sua costumeira visão de mundo ruirá.

Transurfing – é uma técnica poderosa, que lhe dá domínio para criar o impossível, do ponto de vista comum, ou seja – governar o seu destino de acordo com seu próprio critério. Não haverá nenhum milagre. Aguarda-o algo muito maior. Você está prestes a se convencer de que a realidade desconhecida é muito mais fantástica que qualquer misticismo.

Há muitos livros que ensinam como alcançar o sucesso, ficar rico, feliz. A perspectiva é sedutora, quem é que não quer isso, mas você abre uma publicação dessas e encontra exercícios, meditações, trabalho em si mesmo.

Imediatamente você desanima. A vida já é um teste complicado, e aqui lhe oferecem novamente se esforçar e espremer algo de você mesmo.

Convencem-no de que você não é perfeito e por isso deve mudar, senão, nada acontece. Talvez você não esteja totalmente contente consigo mesmo. Mas, no fundo da alma, você não quer realmente mudar. E está certo não querer. Não acredite em ninguém que lhe diz que você é imperfeito. Quem é capaz de saber como você deve ser? Não é preciso mudar a si mesmo. A saída não está onde você a procura.

Não vamos nos ocupar com exercícios, meditações e autoanálise. Transurfing – não é um novo método de autorrealização, e sim um modo de pensar e agir fundamentalmente diferente a fim de receber o que você quer. Não lutar por algo, mas de fato receber. E não mudar a si mesmo, mas voltar a si mesmo.

Todos nós cometemos muitos erros na vida e depois ficamos sonhando como seria saudável voltar ao passado e consertar tudo. Eu não lhe prometo uma “passagem de volta à infância”, mas é possível consertar os erros, e isso será semelhante à volta ao passado. Ou melhor, mais do que tudo, “avançar para o passado”. O significado dessas palavras se tornará compreensível somente no final do livro. Provavelmente você não ouviu nem leu sobre aquilo que eu vou lhe contar. Por isso prepare-se para o inesperado, tão maravilhoso quanto agradável.

I

MODELO DAS VARIANTES

Neste capítulo é dada a introdução teórica ao Transurfing. A base conceitual de Transurfing é o modelo das variantes – visão fundamentalmente nova do funcionamento do nosso mundo. O ser humano não sabe que pode simplesmente receber o que quer em vez de se esforçar para obtê-lo. Por que isso é possível?

Sonhos não se realizam.

Murmúrio das estrelas matutinas

Eu acordei por causa do latido do cachorro do vizinho. Essa criatura repugnante sempre me acorda. Eu a odeio! Por que devo despertar exatamente com os barulhos emitidos por esse bastardo? Preciso passear um pouco para me acalmar e me desviar da vontade impulsiva de atear fogo na casa vizinha. Tal caõzinho, tais donos. Sempre rastejam para dentro da minha vida canalhas que tentam me pegar. Nervoso, me visto. De novo sumiram os meus chinelos. Onde estão, seus traidores malditos? Vocês vão ver quando achá-los!

Na rua, neblina, umidade. Andando pela trilha escorregadia eu atravessava a floresta escura. Quase todas as folhas já caíram, desnudando cinzentos troncos das árvores semimortas. Por que moro no meio desse pântano

tenebroso? Pego um cigarro. Se bem que não tenho vontade de fumar, mas o antigo hábito diz que precisa. Precisa? Desde quando o cigarro se tornou uma obrigação para mim? Ora, é bem desagradável fumar de manhã, com o estômago vazio. É que antes, em companhia alegre, o cigarro proporcionava prazer, era um símbolo de moda, de liberdade, de estilo. Mas as festas acabam e chega o cotidiano chuvoso e cinzento com poças lamacentas de problemas. E arremato cada problema com um cigarro, como se eu dissesse a mim mesmo: agora vou fumar um pouquinho, para depois mergulhar de novo nessa rotina tediosa.

A fumaça do cigarro entrou nos meus olhos e por um instante tapei-os com as mãos, como uma criança ofendida. Quão farto estou de tudo isso! Então, como se fosse para confirmar meus pensamentos, o galho traiçoeiro da bétula ricocheteou e me bateu no rosto. Diabos! Louco de raiva, eu o quebrei e joguei de lado. O galho ficou pendurado na árvore e se pôs a balançar e saltar igual a um palhaço, como se demonstrasse toda a minha impotência de mudar qualquer coisa nesse mundo. Continuei andando desolado.

Toda vez que eu tentava lutar com este mundo, primeiro ele cedia, dando esperanças, e depois me dava um tapa na cara. É só no cinema que os heróis alcançam o objetivo, varrendo tudo pelo caminho. A realidade é bem diferente. A vida parece um jogo de roleta. Primeiro você ganha uma vez, duas, três. Você acredita que é vencedor, e já acha que o mundo inteiro está no seu bolso, mas no último lance você sempre perde. Você não passa do peru de Natal que é alimentado para depois ser assado e comido ao som de música alegre e de risos. Você se enganou, a festa não é sua. Você se enganou...

Assim, debatendo-me nessas ideias tristes, eu fui até a praia. Pequenas ondas mordiam com raiva a areia. O mar soprava sem piedade a umidade gelada para cima de mim. Gaivotas pretas andavam preguiçosas pela praia e bicavam alguma coisa podre. Nesses olhos havia um vazio frio e negro. Parece que refletiam o mundo ao meu redor, frio e agressivo.

Um mendigo catava garrafas vazias na praia. Sai daqui, espectro pantanoso, eu quero ficar sozinho. Não, parece que ele está vindo em minha

direção, talvez para pedir alguma coisa. É melhor eu ir para casa. Não há paz em lugar algum. Estou tão cansado. Esse cansaço está sempre comigo, mesmo quando estou descansando. Eu vivo como se cumprisse uma pena de prisão. Parece que logo mais tudo vai mudar, começará uma nova etapa, e então serei outro e poderei me alegrar com a vida. Mas tudo isso pertence ao futuro. Por enquanto, sempre a mesma tortura. Fico esperando, mas o futuro nunca chega. Agora, como de costume, vou tomar um café da manhã insosso e me mando para o meu trabalho enfadonho, onde de novo vou espremer de dentro de mim resultados que outro alguém precisa, não eu. Mais um dia de vida paralisante e sem sentido...

Acordei com o murmúrio das estrelas matutinas. Que sonho triste foi esse? Como se voltasse alguma lasca da minha vida anterior. Ainda bem que foi só um sonho. Eu me espreguicei aliviado, como faz o meu gato. Ele, preguiçoso, fica deitado, todo esparramado e só as orelhas mostram que percebeu a minha presença. Levanta, seu bigodudo. Você vai passear comigo? Encomendei para mim um dia ensolarado e me dirigi ao mar.

A trilha atravessava a floresta e o murmúrio das estrelas matutinas lentamente se ampliou ao coro polifônico do povo alado. Alguém se esforçava com afinco, lá nos arbustos: “Comida! Comida!”. Ah, ali está o malandro. Bolinho fofo, como é que você consegue chilrear tão alto? Surpreendente que antes não me apercebi: todos os pássaros possuem vozes totalmente diferentes, nenhum entra em dissonância com o coro comunitário, e sempre resulta uma sinfonia tão harmônica, que é impossível qualquer orquestra artificial imitar.

O sol esticou seus raios por entre as árvores. Essa iluminação mágica animou a profundidade tridimensional e a suculência das cores, transformando a floresta num holograma maravilhoso. A trilha me levou cuidadosamente para o mar. Ondas verdes esmeralda trocavam sussurros baixinhos com o vento cálido. A praia parecia infinita e deserta, mas eu sentia acolhimento e tranquilidade, como se esse mundo superlotado houvesse reservado um cantinho retirado especialmente para mim. Há quem considera o espaço ao redor uma ilusão que nós mesmos criamos. Mas não, falta-me convicção para afirmar que toda essa beleza não passa de criação minha.

Ainda sob a impressão angustiante do sonho, comecei a me lembrar da minha vida anterior, que de fato fora assim enfadonha e lúgubre. Frequentemente eu, assim como muitos outros, tentava exigir desse mundo aquilo que me seria devido. Em resposta, o mundo me dava as costas, indiferente. Os conselheiros, baseados na experiência, me diziam que este não cede tão simplesmente, é preciso conquistar. Então eu tentava lutar com ele, mas mesmo assim não alcancei nada a não ser exaustão. Os conselheiros tinham resposta pronta também para isso: você é mau, primeiro precisa mudar, e depois poderá exigir algo do mundo. Eu tentei lutar comigo, mas descobri que isso é ainda mais difícil.

Então uma vez sonhei que estava num horto florestal. Cercado de indescritível beleza, eu caminhava e me maravilhava com toda essa magnificência. Aí apareceu um velho sisudo com barba grisalha, que entendi ser o Guardiã do horto. Ele ficou me observando em silêncio. Eu me dirigi a ele e, mal abri a boca, fui interrompido bruscamente. Em tom frio me disse que não queria ouvir nada, que se cansou de visitantes chatos e egoístas, sempre insatisfeitos, sempre exigindo alguma coisa, fazendo barulho e deixando atrás de si montes de lixo. Eu assenti com a cabeça e me afastei.

A excepcional natureza do horto me deixou perplexo. Por que nunca estive aqui antes? Fascinado, eu caminhava ao léu, olhando para um lado e para outro. A perfeição da natureza ao meu redor era impossível de descrever com palavras. Por isso reinava um vazio entusiasmado na minha cabeça.

Logo reapareceu na minha frente o Guardiã. Sua expressão severa havia amainado um pouco. Convidou-me com um gesto a segui-lo. Subimos uma colina verdejante e lá se abriu uma vista maravilhosamente bela para a planície. Embaixo se espalhava uma aldeia. Casinhas de brinquedo submergiam na vegetação e nas flores, como nas ilustrações de um conto de fadas. Podia-se olhar todo esse quadro com assombro, se não parecesse irreal. Passei a desconfiar que isso só pudesse ser num sonho. Lancei um olhar interrogativo ao Guardiã, mas ele apenas esboçou um leve sorriso para dentro de sua barba como que dizendo: “Você logo vai descobrir!”

Descíamos para o vale quando comecei a perceber que não me lembrava de como fui parar no horto. Queria do velho ao menos uma explicação. Parece-me que eu fiz um comentário inoportuno sobre o fato de que talvez se sintam nada mal os felizardos que podem se permitir morar em meio a tal beleza. Ao que ele respondeu irritado: “E quem o proíbe de estar nessa lista?”

Eu acionei o disco riscado de que nem todos nascem na beleza e ninguém pode decidir o seu destino. O Guardiã não deu a mínima atenção às minhas palavras e disse: “Acontece que cada pessoa é livre para escolher para si *qualquer* destino. É a única liberdade à nossa disposição – a liberdade de escolha. Cada um pode escolher tudo o que quiser.”

Esse argumento não se encaixava de jeito algum no meu conceito de vida, e esbocei uma reação. Mas o Guardiã nem quis ouvir: “Seu tolo! Você tem o direito de escolher, mas você não o exerce. Você não entende o que significa – *escolher*.” Isso é um delírio, não me contive. Como é que posso escolher tudo que quiser? Pensar que neste mundo tudo é possível. E de repente percebi que tudo não passava de um sonho. Perdido, eu não sabia como me portar em tal situação estranha.

Conquanto a memória não me trai, insinuei ao velho que no sonho, assim como na realidade, ele é livre para dizer qualquer barbaridade, e é nisso que consiste toda a sua liberdade. Porém esta observação não incomodou o Guardiã e ele apenas riu em resposta. Percebendo toda a incongruência da situação (por que eu me meti a discutir com o personagem de minha própria criação?), e já comecei a refletir se não seria melhor eu acordar. O velho pareceu adivinhar meus pensamentos: “Agora chega, você tem pouco tempo – disse ele. – Eu não esperava que eles me mandassem um cretino como você. E mesmo assim terei que cumprir a minha missão.”

Eu me pus a questioná-lo de que “missão” seria essa e quem são “eles”. Ele ignorou minhas perguntas e lançou um enigma que na ocasião me pareceu idiota: “Cada pessoa pode alcançar a liberdade de escolher tudo o que deseja. Eis um enigma: como obter essa liberdade? Se você adivinhar, suas maçãs cairão no céu.”

Que maçãs são essas? Eu já perdia a paciência e disse que não pretendia adivinhar coisa alguma, – somente nos sonhos e nos contos de fada são possíveis diversos milagres, mas na realidade as maçãs em última instância sempre caem na terra. Ao que ele respondeu: “Basta! Vamos, preciso lhe mostrar algo.”

Acordando, eu percebi infelizmente que não me lembrava da continuação do sonho. No entanto, permanecia uma sensação aguda como se o Guardião tivesse inserido em mim alguma informação que eu não tinha capacidade de expressar em palavras. Na memória estava impressa apenas uma palavra – *Transurfing*. Única ideia que rolava dentro da minha cabeça era que não há necessidade de construir você mesmo o seu mundo – tudo já foi há muito criado sem a minha participação e para o meu bem. Não se deve tampouco lutar com o mundo por um lugar ao sol – esse é um recurso pouco eficiente. Acontece que ninguém me proíbe de simplesmente *escolher* para mim aquele mundo no qual eu quero viver.

De início tal ideia me pareceu absurda. E eu esqueceria o mais rápido possível este sonho, mas logo, para a minha enorme surpresa, descobri: começaram a surgir lembranças totalmente nítidas sobre o que o Guardião entendia da palavra *escolher* e como fazê-lo. A solução do enigma do Guardião veio por si mesma, como um conhecimento vindo do nada. Cada dia me abria algo novo, e toda vez eu experimentava uma surpresa grandiosa, à beira do susto. Não tenho condições de explicar de forma racional de onde vieram esses conhecimentos. Só posso afirmar com toda a certeza que não era da minha cabeça, pois nela não podia nascer nada semelhante.

Desde que eu descobri para mim mesmo o *Transurfing* (ou melhor, foi me permitido fazê-lo), minha vida se preencheu de um novo e alegre sentido. Todo aquele que se ocupou ao menos uma vez com algum processo criativo sabe que alegria e satisfação traz a obra criada com as próprias mãos. No entanto, isso não é nada, comparado com o processo criativo de seu destino. Porém o termo “criação do destino” em seu significado comum não convém aqui. *Transurfing* – é uma maneira de escolher seu destino literalmente, como mercadoria no supermercado. Quero contar-lhe

sobre o significado de tudo isso. Você saberá porque maçãs podem “cair no céu”, o que é “murmúrio das estrelas matutinas”, assim como outras coisas muito incomuns.

O enigma do guardião

Existem diversas abordagens à interpretação do destino. Uma delas considera que o destino é fatalidade, algo estabelecido antes. Por mais que se mexa, não se consegue fugir do destino. Portanto, se a uma pessoa foi reservado um destino não muito elevado, não há esperança alguma de melhora. No entanto, por outro lado, sempre há pessoas que se acomodam em tal situação. Pois é cômodo e confortante quando o futuro é mais ou menos previsível e não assusta por ser desconhecido.

E mesmo assim, a inevitabilidade fatal do destino entendido assim evoca um sentimento de insatisfação e protesto interno. A pessoa, a quem o sucesso foi negado, reclama de seu destino: por que a vida é tão injusta? Um tem tudo em abundância, outro sempre vive a necessidade. Para um tudo é fácil, o outro corre como rato de laboratório na roda, sem resultado. Um é agraciado pela natureza com beleza, inteligência e força, o outro, não se sabe por quais pecados, carrega a vida toda um fardo de segunda mão. Por que tal disparidade? Por que a vida, não tendo limites em sua diversidade, impõe limitações a um determinado grupo de pessoas? Que culpa têm aqueles que são menos afortunados?

A pessoa desafortunada se sente magoada, senão revoltada e tenta encontrar para si alguma explicação para tal estado de coisas. E então aparecem todos os possíveis ensinamentos, como carma pelos pecados cometidos em vidas passadas. É possível achar que o Senhor Deus só se ocupa com a educação de seus filhos negligentes, mas apesar de todo o seu poder experimenta dificuldades com este processo educacional. Em vez de castigar pelos pecados, em vida, por alguma razão Deus adia a reparação, embora não haja sentido em castigar uma pessoa por algo de que ela não se lembra.

Existe outra versão do desequilíbrio, que dá esperanças aos necessitados e sofredores de receber agora uma generosa compensação, no entanto, esta recompensa se encontra ou em algum lugar nos céus, ou em alguma vida futura. Em qualquer dos casos, tais explicações não satisfazem totalmente. Existam ou não essas vidas passadas ou futuras, na prática não importa, porque o ser humano lembra e tem consciência apenas de uma, a atual, e nesse sentido é a única que ele tem.

Acreditando na predeterminação do destino, o melhor recurso para não ficar triste é conformar-se. E de novo encontramos explicações tais como: “Quer ser feliz – então seja”. Seja otimista e contente-se com o que você tem. A pessoa deve entender que é infeliz porque está sempre descontente e quer demais. É preciso estar contente por determinação. É preciso se alegrar com a vida. A pessoa até que concorda, mas ao mesmo tempo sente-se incomodada em acolher com alegria a realidade cinzenta. Será que ela não tem direito de querer algo maior? Para que deve obrigar-se a ficar alegre? Pois é o mesmo que obrigar-se a amar.

Ao redor sempre voejam personalidades “iluminadas” que exortam o amor universal e o perdão. É possível cobrir-se com esta ilusão, como puxar um cobertor por cima da cabeça, para não se deparar diretamente com a realidade dura e crua, e de fato a pessoa se sente aliviada. Mas no fundo da alma a pessoa não chega a compreender porque deve se obrigar a perdoar aqueles que odeia e amar aqueles que lhe são indiferentes. Qual é a vantagem nisso? Resulta uma felicidade falsa, forçada. Como se a alegria devesse chegar não por si mesma, mas fosse preciso espremê-la de dentro de si, como pasta do tubo.

É claro que existem pessoas que não acreditam que a vida seja tão tediosa e primitiva, chegando a um único destino predeterminado. Elas não querem se contentar com o que possuem e preferem se alegrar com as conquistas e não com o que é dado. Para essas pessoas existe outro conceito de destino: “O próprio ser humano é o criador de seu destino”. Mas é preciso lutar pela felicidade, não há outro jeito. Os “sábios” dizem que nada acontece sem esforço. Parece que é fato indiscutível: se você não quer aceitar a felicidade que lhe é dada, então é preciso abrir caminho a cotoveladas e conquistar o que é seu.

Histórias morais testemunham como os heróis lutavam corajosamente e altruisticamente se esforçavam dia e noite, superando obstáculos inimagináveis. Os vencedores obtinham os louros do sucesso somente depois de passar por todas as dificuldades e privações da luta obstinada. Aqui também algo não está certo. Lutam e se esforçam milhares de pessoas, mas apenas poucas obtêm sucesso verdadeiro. Pode-se gastar uma vida inteira numa luta desesperada por um lugar ao sol, sem conseguir coisa alguma. Por que esta vida é tão cruel e contraditória?

Que necessidade pesada é lutar com o mundo e nada conseguir. Quando o mundo não cede, é indispensável lutar consigo mesmo. Se você está tão pobre, doente, feio, infeliz, a culpa é sua. Você é imperfeito, por isso precisa mudar. A pessoa se depara com o fato de que desde os primórdios possui um aglomerado de defeitos e vícios sobre os quais deve trabalhar intensamente. Um quadro bem desanimador, não é? Acontece que se a pessoa não teve sorte e não nasceu num berço rico e feliz, sua sina é carregar docilmente sua cruz ou dedicar a vida inteira à luta. A alma não se conforma em se contentar com essa vida. Será que em todo esse desespero não aparece alguma luz?

Apesar de tudo, a saída existe. A saída é muito simples, muito agradável, muito diferente de tudo que vimos até agora, porque se encontra em outro plano. O conceito de destino no Transurfing baseia-se num modelo do mundo fundamentalmente diferente. Não se apresse a agitar as mãos desiludido e exclamar que estão tentando lhe impingir a quimera de sempre. Você concorda que cada uma das conhecidas concepções do destino é construída sobre uma determinada visão de mundo que, por sua vez, se baseia em alguns pontos de partida impossíveis de provar.

Por exemplo, o materialismo se baseia na afirmação de que a matéria está em primeiro lugar e a consciência, em segundo. O idealismo afirma exatamente o contrário. Nem a primeira afirmação nem a segunda podem ser provadas, mesmo assim constroem-se modelos de mundo com base nelas, cada modelo muito convincente e que encontra dedicados defensores. As duas direções na filosofia, na ciência e na religião explicam este mundo à sua maneira, e à sua maneira têm razão e não

têm. Jamais poderemos descrever com plena precisão a verdade absoluta, pois os entendimentos que usamos são relativos em si. A conhecida história sobre três cegos mostra que um deles tateou a tromba do elefante, o outro, a perna, o terceiro, a orelha, e por isso cada um produziu a sua ideia do que seria esse animal. Por isso provar que uma única descrição é verdadeira, a outra não, é um total disparate. O mais importante é que essa descrição funcione.

Provavelmente você conhece a famosa ideia de que a realidade é ilusão criada por nós mesmos. No entanto, ninguém explicou de forma razoável de onde provém essa ilusão.

Portanto, todos nós assistimos a um “filme”? Isso, com certeza, é muito duvidoso, mas num determinado sentido há aqui uma semente inteligente. Existe outra opinião totalmente contrária: o mundo material não passa de um mecanismo funcionando de acordo com leis rígidas, e a nossa consciência não pode determinar nada aqui. E nisso também há uma dose inegável de verdade.

Mas a razão humana é construída de tal forma que busca ter os pés em solo firme, sem múltiplos significados. Aniquilar uma teoria e elevar no pedestal a outra é a ocupação dos estudiosos há séculos e séculos. Após cada luta pela verdade resta no campo de batalha apenas um fato inventível: qualquer teoria apresenta apenas um aspecto da manifestação da realidade multifacetada.

Cada teoria se fortalece com o tempo, e por isso tem direito à existência. Qualquer concepção de vida funciona da mesma maneira. Se você resolve que o destino é algo predeterminado, que não consegue mudar, então assim será. Nesse caso você se entrega voluntariamente em mãos de estranhos, não importa quais, e se torna um barquinho navegando ao sabor das ondas. Caso você ache que é o próprio criador do seu destino, então conscientemente assume a responsabilidade por tudo que acontece na sua vida. Você luta com as ondas, tentando dirigir seu barquinho. Perceba o que acontece: *sua escolha sempre se realiza. Aquilo que você escolhe você recebe.* Não importa a visão de mundo que você escolher, a verdade

estará do seu lado. Outros irão discutir com você exatamente porque eles também têm razão.

A partir de qualquer fenômeno de manifestação da realidade é possível deduzir todo um ramo de conhecimento. E esses conhecimentos concordam entre si e passam a refletir com êxito uma das manifestações da realidade. Para o fundamento de todo um conhecimento basta um ou alguns fatos que, embora não totalmente compreensíveis, mesmo assim se manifestam.

Por exemplo, a física quântica se baseia em algumas verdades não comprováveis: postulados. Não comprováveis porque servem como pontos institucionais, pontos de partida. O objeto do micromundo da física quântica se comporta em alguns casos como partícula, em outros, como onda. Os cientistas não podem interpretar com um único significado tal dualismo, porque o aceitam como fato, um axioma. Os postulados da física quântica reconciliam a diversidade das formas de manifestação da realidade como se os cegos chegassem a um acordo: que em alguns casos o elefante se comporta como um poste e em outros, como serpente.

Caso, na hora de descrever o objeto do micromundo, tomarmos por base a propriedade da partícula, obteremos o modelo do átomo construído pelo célebre físico Niels Bohr. Neste modelo, os elétrons giram ao redor do núcleo, de forma semelhante aos planetas no sistema solar. No entanto, se escolhermos a onda como propriedade básica, o átomo parecerá uma mancha borrada. Tanto um modelo quanto o outro funciona refletindo formas isoladas da manifestação da realidade. Novamente, *recebemos o que escolhemos*.

Em termos gerais, qualquer manifestação pode servir de postulado, de ponto de partida, para criar um ramo de conhecimento que, sem dúvida, funcionará e terá direito à existência. Na perseguição da verdade, os seres humanos sempre aspiravam a compreender a natureza do mundo, examinando seus aspectos isolados. Criaram-se grandes quantidades de conhecimentos científicos como descrições e explicações de uns e outros fenômenos da natureza. Desta maneira, surgiram setores isolados de conhecimentos que frequentemente entram em contradição mútua.

A natureza do mundo é única, mas apresenta sempre aparências diferentes. Mal as pessoas examinam e explicam adequadamente uma faceta, já surge outra, que em nada combina com a anterior. Os cientistas tentam unificar diversas manifestações da realidade para afastar contradições; acontece que isso se consegue com esforço. Existe apenas um único fato indubitável que unifica e combina todos esses ramos do conhecimento: a diversidade e a multiplicidade das formas de manifestação da realidade. *A variação multifacetada do nosso mundo é sua primordial característica básica.*

Absortos nas tentativas de explicar manifestações isoladas, os inventores de diferentes ramos do conhecimento por alguma razão deixam de lado exatamente este fato. Pergunta-se, o que mais se poderia extrair disso? A variação multifacetada serve como ponto de referência, assim como o zero na escala de coordenadas. Qualquer ponto de referência dos diferentes ramos de conhecimento, em relação a este, é secundário. Ora, não se presta atenção ao próprio ponto de referência inicial, como se não contivesse tipo de informação algum. No entanto, ali há informações e muito surpreendentes.

Para resolver o Enigma do Guardião, tomaremos como ponto de referência precisamente a propriedade da variação multifacetada. Em outras palavras, admitimos o postulado de que *a realidade possui formas de manifestação infinitamente variadas*. Apesar do caráter geral do nosso postulado, teremos certeza de quão interessante e inesperado é o conhecimento que revela.

Começemos por aceitar que as formas de manifestação da realidade devem ter uma origem, da qual surge toda esta diversidade. Onde estão “inscritas” todas as leis de nosso mundo? O mundo se revela como o movimento da matéria no espaço-tempo. Este movimento se submete a determinadas leis. Como você sabe, os pontos se situam no gráfico das funções segundo uma fórmula matemática determinada. Pode-se dizer que a lei do movimento do ponto pelo gráfico é a definição da função. Mas as fórmulas, assim como as leis, são invenções abstratas da mente humana, criadas para facilitar a compreensão. É muito pouco provável que a natureza as guarde em algum lugar.

De que outra maneira se pode fixar a posição dos pontos no gráfico? Ora, como uma grandiosa e infinita quantidade das coordenadas de todos os pontos. A aptidão da memória humana é limitada e incapaz de dominar volumes enormes. Mas para a natureza, infinidade não é problema. Ela não tem necessidade de generalizar numa fórmula a distribuição e o movimento dos pontos no gráfico. Se quebrarmos a linha de funções em pontos infinitamente pequenos, cada ponto pode ser considerado causa e o seguinte, consequência. Resulta que qualquer movimento de um ponto material no espaço e tempo pode ser imaginado como uma grande e incessante cadeia de causas e consequências infinitamente pequenas.

No nosso conhecimento, imaginamos o movimento da matéria como uma lei, mas na natureza este movimento é engendrado de forma natural, como infinita quantidade de causas e consequências. Os dados de todos os pontos de movimento da matéria possíveis são guardados em algum campo de informação ao qual chamaremos de *espaço das variantes*. Este espaço contém a informação sobre tudo que houve, há e haverá.

O espaço das variantes é uma *estrutura de informação* plenamente *material*. É um campo de informação infinito, contendo todas as variantes possíveis de qualquer acontecimento possível de realização. Pode-se dizer que no espaço das variantes há tudo. Não vamos adivinhar de que maneira é guardada esta informação; para o nosso objetivo isso não tem importância. O importante é apenas que *o espaço das variantes serve de padrão, de teia de coordenadas de qualquer movimento da matéria no espaço-tempo*.

Em cada ponto do espaço existe sua variante desse ou daquele acontecimento. Para facilitar a compreensão, diremos que uma variante é composta do *cenário* e da *decoreação*. A *decoreação* é a imagem exterior ou a forma de manifestação; e o *cenário*, o caminho pelo qual se move a matéria. Para maior comodidade, podemos quebrar o espaço das variantes em setores, cada um tendo seu cenário e sua *decoreação*. Quanto maior for a distância entre os setores, maiores são as diferenças de cenários e *decoreações*. O destino do homem também é representado pela multidão de variantes.

Teoricamente não existe nenhum tipo de limite para os cenários e a decoração da existência humana, pois o espaço das variantes é infinito. Qualquer acontecimento insignificante pode influenciar a virada do destino. A vida de um ser humano, assim como qualquer outro movimento da matéria, representa uma cadeia de causas e consequências. A consequência no espaço das variantes sempre se localiza perto da sua causa. Uma segue a outra, por isso os setores do destino se arrumam nas *linhas da vida*. Os cenários e a decoração dos setores numa linha dessas são mais ou menos semelhantes. A vida do ser humano transcorre compassadamente em uma direção, até que aconteça algum fato que mude o cenário e a decoração. Então o destino muda de rumo e passa para outra linha da vida.

Imagine que você acaba de ver um espetáculo e no dia seguinte volta ao teatro para ver o mesmo espetáculo, mas este já se apresenta com outra decoração. São linhas da vida que estão próximas. Na temporada teatral seguinte você vê o espetáculo com os mesmos atores, mas já com mudanças significativas no cenário. Essa linha de vida se encontra mais distante. E finalmente, ao assistir a mesma peça em outro teatro, você vê uma interpretação totalmente diferente. Essa linha de vida já está bem longe da primeira.

A realidade se revela em toda a diversidade exatamente porque a quantidade de variantes é infinita. Qualquer ponto flui para a cadeia das relações de causa e efeito. Ao escolher o ponto inicial, você obtém essa ou aquela forma de manifestação da realidade. Pode-se dizer que a realidade se desenrola pela linha da vida dependendo do ponto de referência escolhido. Cada um recebe o que escolheu. Você tem o direito de escolher exatamente porque já existe infinitude de variações. Ninguém lhe proíbe escolher o destino que lhe apraz. Toda a direção do destino se resume a uma coisa simples – *fazer a escolha*. Transurfing responde a pergunta de como fazer isso.

Então, existe uma estrutura de informação, contendo uma quantidade infinita de possibilidades em potencial, variações com seus cenários e suas decorações. O movimento da realização material acontece dependendo do que está colocado nessa estrutura. O processo do movimento

da matéria pelo espaço das variantes pode ser demonstrado por meio do seguinte pequeno experimento.

Imagine um cano com água. Ao longo do cano transita vagarosamente um anel de resfriamento, de modo que a água congela rapidamente apenas dentro do anel. Resulta que os cristais de gelo transitam pelo tubo com água. As moléculas da água permanecem aproximadamente nos mesmos locais em situação relativamente livre. No momento da passagem do anel, as moléculas dentro dele se fixam no cristal congelado de estrutura determinada, e depois a água nesse local volta a se descongelar e as moléculas se libertam. O próprio cristal não se mexe. Em outras palavras, no fato dado, o gelo não flutua na água. Desloca-se não o próprio cristal de gelo dentro do tubo com água, mas a estrutura, ou seja, o estado congelado.

Por analogia, a água no tubo é o espaço das variantes, e o cristal de gelo é a realização material das variantes. As moléculas são as pessoas, e sua posição na estrutura do cristal se realiza como variante do destino. Não há resposta única para a pergunta, cujo análogo é o anel esfriado. Ou seja, de que forma e por que a estrutura da informação se transforma em matéria? No microcosmo, a matéria pode se manifestar como condensação de energia. Sabe-se que no vácuo acontece um processo contínuo de nascimento e morte de micropartículas. A matéria parece existir, mas ao mesmo tempo ela não possui substância material própria. É evidente apenas que: aquilo que se pode tocar possui base energética intocável.

Espero que eu não tenha cansado você demais com a física. Por enquanto, nos encontramos apenas no ponto inicial do Transurfing. Mas o que você vai saber neste livro pode chocá-lo um tanto. Por isso devo, inevitavelmente, apresentar alguma fundamentação teórica para que a mente não perca o chão sob os pés. Peço-lhe, portanto, que você se arme de um pouco mais de paciência.

A onda marinha pode servir de outra analogia para ilustrar a realização no espaço das variantes. Suponhamos que, em consequência de um terremoto, forma-se uma onda no mar. A onda se desloca sobre a superfície do mar como se fosse uma montanha, mas a própria água permanece no

lugar. Move-se não a massa de água, mas a realização do potencial energético. Somente próximo à praia a água cai na terra. Assim se comportam todas as outras ondas. Na analogia, o mar é o espaço das variantes, e a onda, a realização material.

O que resulta, de um lado, é a realização material do movimento no tempo e espaço, e do outro, as variantes permanecem no lugar e existem eternamente? Então tudo foi, é e será? E por que não? O tempo na verdade é tão estático quanto o espaço. O transcurso do tempo é percebido somente quando a fita de filme roda e os quadros se sucedem um ao outro. Basta desenrolar a fita e ver como todos os quadros estão juntos. Para onde foi o tempo? Todos os quadros existem ao mesmo tempo. O tempo é estático enquanto não começarmos a observar a sequência de quadros um após o outro. Na vida acontece exatamente o mesmo, por isso na nossa consciência se estabeleceu profundamente a ideia de que tudo vem e vai embora.

Na verdade tudo que está inscrito no campo da informação sempre esteve lá e sempre ficará. As linhas da vida existem como fitas de filme. Aquilo que passou, não desapareceu, mas permaneceu. Aquilo que ainda será, já é agora. O trecho corrente da vida é a realização material do espaço de variantes em dado trecho da linha da vida.

Muitos podem expressar sua indignação perguntando: “Como é possível que incontável quantidade de variantes do meu destino existe de forma estática? Para quem e para que isso pode ser útil? A Deus? Às leis da natureza? Por quê?” Então tente imaginar um ponto na superfície das coordenadas. Ainda na escola lhe propuseram tal modelo: um ponto na superfície pode ter quaisquer coordenadas x e y . Note: quaisquer coordenadas, do menos ao mais, até o infinito. Por que ninguém teve a ideia de perguntar: *por que* o ponto pode ter quaisquer coordenadas? Agora imagine um ponto que se move pela linha da função e se surpreende: “Como é possível que o caminho que percorri sempre existiu e sempre existirá? E como é possível que o caminho que ainda me cabe percorrer sempre existiu e sempre existirá?” Mas você está olhando para o caminho, de cima, por isso para você não há nada de estranho.

O espaço das variantes serve de modelo, determinando como deve se manifestar a realização material. Imagine uma floresta escura e uma pessoa com uma lanterna. A pessoa caminha pela floresta e ilumina ao seu redor uma área pequena. A realização surge como uma mancha de luz. Toda a floresta escura é o espaço das variantes, e a área iluminada é a realização das variantes na área dada. O que serve de “iluminação”? Ou seja, o que “acende”, o que materializa a variante do modelo?

Para obter a resposta a essa pergunta você terá que escolher mais um ponto de referência. Hoje já não se duvida do fato de que os pensamentos são materiais. A realidade se mostra em duas formas: de um lado, o ser determina a consciência, de outro, existem provas indiscutíveis do contrário. Os pensamentos não são apenas motivo das ações do ser humano, mas agem diretamente sobre a realidade ao redor. Por exemplo, os nossos piores temores se realizam como se fosse por lei. Claro, se pode discutir que aqui acontece não a materialização dos pensamentos, mas pressentimento de dissabores iminentes. De fato, nas manifestações paranormais há muita coisa obscura e contraditória. Mas isso não significa que se pode ignorar uma dada forma de manifestação da realidade. Há muitos fatos que corroboram a influência indubitável dos pensamentos sobre a realidade ao redor.

De uma forma ou de outra, a consciência do ser humano modela o seu destino. No presente livro, trata-se exatamente do modo como tudo isso acontece. Na função do ponto de referência, pegaremos a seguinte afirmação: *a irradiação da energia do pensamento materializa a variante potencial*. Temos todo o direito de fazer isso, pois a realidade se revela também na forma em que a consciência determina a realidade. A isso servem como prova não só fatos da vida cotidiana, mas também experiências em física quântica. Para nós, o próprio mecanismo da interação entre a irradiação dos pensamentos e o espaço das variantes não possui significado fundamental. Até hoje continua indefinida a maneira como acontece o processo de transmissão de informações, com base na energia ou outra base. Para a nossa comodidade, vamos supor que a irradiação da energia do pensamento “arregaça” determinado setor do espaço

das variantes, resultando que a variante recebe sua realização material. A irradiação, assim como o setor, possui determinados parâmetros. A irradiação do pensamento encontra o seu setor, a variante se realiza, e dessa maneira resulta que a consciência determina a realidade.

Cumpra não esquecer que essa é apenas uma das formas de manifestação da realidade. Não é possível simplesmente ficar sentado e, apenas pela meditação, formatar a própria realidade. Embora existam pessoas que literalmente materializam objetos do ar, essas são raras e não ostentam sua habilidade. E mesmo assim as ideias influenciam tanto o destino do ser humano quanto condutas concretas. As pessoas se acostumaram a que suas ações atraem consequências visíveis e facilmente explicáveis. As influências das ideias são mais imperceptíveis e por isso inexplicáveis e imprevisíveis. Pode parecer que determinar um vínculo causal confiável entre ideias e acontecimentos subsequentes seja bem difícil. Mas logo você terá que se convencer de que as ideias do ser humano formam a realidade de maneira totalmente imaterial. O ser humano recebe aquilo que ele mesmo escolhe.

Alguém poderia exclamar: “Então, o que são esses mares, montanhas, planetas, galáxias – todos são produtos da minha emanção de ideias?” O ser humano se considera às vezes o centro do Universo. Na verdade, ele ocupa apenas um nicho minúsculo nesse espaço infinito. O nosso mundo é habitado por uma multitude de organismos vivos, e *cada um traz sua contribuição na formação da realidade*. Cada ser possui seus parâmetros de irradiação de ideias. Se você se incomoda em considerar a irradiação da planta como sendo de ideias, pode dar-lhe outro nome, pois o fato não irá mudar por isso. Nem é possível afirmar com certeza que objetos inanimados não tenham nada semelhante à irradiação dos organismos vivos. Isso sem falar do Espírito Único, permeando tudo que existe, ao qual chamamos de Deus. Cada ser possui sua consciência e forma a camada de seu mundo. Pode-se dizer que tudo neste mundo carrega em si uma partícula de Deus, e assim Ele governa o mundo inteiro.

Cada ser humano caminha por sua linha de vida. E ao mesmo tempo todos vivem no mesmo mundo. O mundo material é um para todos, mas

a realidade concreta para cada um é sua. Suponhamos que você seja um turista e caminha por uma bela cidade. Você admira os pontos turísticos, se entusiasma com a beleza da arquitetura, observa os canteiros de flores, as fontes, as aleias do parque, os rostos sorridentes dos transeuntes. Você se detém próximo a um cesto de lixo, e lá está parado um indivíduo sem teto. Ele, assim como você, se encontra no mesmo mundo, não em outro. Apesar disso, ele vê algo totalmente diferente de você. Ele vê uma garrafa vazia no lixo, uma parede suja, o concorrente que alcançou a garrafa antes dele e agora se pergunta: “será que tiro dele?”, vê também o policial que olha torto e desconfiado para ele. Você vive numa linha de vida, e ele, em outra. As duas linhas de vida se cruzam no ponto do espaço das variantes, por isso esse mundo, a materialização da realidade, é o mesmo para ambos.

Todas as manifestações da natureza material possuem uma base energética subjacente. O campo energético vem primeiro, depois todas as outras manifestações físicas. Os cientistas estão tentando unificar diferentes manifestações da energia dentro de uma teoria única, e logo alcançarão resultados. No entanto, em seguida, terão que substituir alguma coisa novamente, porque a quantidade de formas de manifestação da realidade é infinita. Sem entrar em todas essas sutilezas, observemos a energia como uma força abstrata, invisível, nem por isso existe com menor objetividade. Para os nossos objetivos basta admitir o fato de que a energia das ideias do ser humano é plenamente material. A energia das ideias não rodopia restrita ao âmbito da cabeça humana, mas se espalha no espaço e interage com o campo energético ao redor. Atualmente poucos contestariam esse fato.

Simplificando, podemos assumir como parâmetro da irradiação de ideias sua frequência, semelhante à frequência das ondas de rádio. Quando você pensa em algo, a frequência da energia de seus pensamentos está sintonizada com uma determinada faixa no espaço das variantes. Quando a energia atinge o setor do espaço das variantes, surge a realização material da variante dada. A energia possui estrutura complexa e interpenetra tudo que existe nesse mundo. Ao atravessar o corpo do ser humano, a energia é modulada pelos pensamentos e na saída adquire parâmetros sintonizados com estes pensamentos. Segundo esse mesmo princípio

funciona o transmissor de rádio. Os parâmetros da energia absorvem em si as características dos pensamentos. Desta maneira, na saída resulta irradiação de pensamentos, que transforma o setor do espaço das variantes em realização material. Quando você pensa no mal ou no bem, você irradia a energia dos pensamentos para o espaço das variantes. A energia modulada se acopla num setor determinado e isso traz as modificações correspondentes na sua vida.

As circunstâncias de vida se formam não só por atitudes concretas mas também pelo caráter dos pensamentos do ser humano. Se você se coloca inimigo para com o mundo, ele lhe responde com o mesmo. Se você expressa constantemente a sua insatisfação, cada vez mais você terá razões para isso. Se na sua relação com a realidade predomina o negativismo, o mundo voltará para você seu pior lado. Ao contrário, a relação positiva será o meio mais natural de mudar sua vida para melhor. O ser humano recebe aquilo que escolhe. Essa é a realidade, goste você ou não.

Enquanto seus pensamentos forem mais ou menos na mesma direção, você se encontra na mesma linha de vida. Logo que a relação com a realidade mudar para essa ou aquela direção, os parâmetros da irradiação pensamental adquirem novas características e a realização material da camada do seu mundo passa para outra linha. Lá os acontecimentos se desenvolvem em outro cenário, combinando com os parâmetros da sua irradiação. Se o cenário por alguma razão não o satisfaz, você vai lutar, tentando mudar a situação. Cada um, ao se encontrar com obstáculos, reage de forma negativa, expressando insatisfação ou desânimo. Sua irradiação pensamental se transfere para a linha na qual os obstáculos crescem. Resulta que a vida rola por um declive para algum lugar.

Dado processo parece indômito, mas de fato você mesmo, com seus pensamentos dirige sua realização em domínios problemáticos do espaço das variantes. Você acha que consegue vencer os obstáculos com suas ações. Mas, de fato, acontece que você recebe aquilo que você mesmo escolheu. Você escolheu a luta com os obstáculos, então os recebe multiplicados. Se você ficar assoberbado pelos pensamentos sobre problemas, eles sempre estão presentes na sua vida. Você direciona ações para modificar situações

na presente linha de vida, mas não consegue mudar os cenários no espaço das variantes. Você consegue apenas *escolher outro*. Ao tentar mudar os momentos indesejáveis no cenário, você pensa exatamente naquilo de que não gosta. Mediante isso, a sua escolha se realiza rapidamente e *you receive what you do not desire*.

Numa linha dada de vida é impossível mudar qualquer coisa. Exatamente como, ao se encontrar numa galeria de quadros, você não pode tirar ou reorganizar a exposição, que não é sua. Você não é o dono aqui. Mas ninguém lhe proíbe de dar meia volta e passar para outra sala, para ver aquilo que lhe agrada mais. É claro que a passagem para a linha de vida na qual cada um possui o que pediu não acontece apenas por desejo. Nem todos os pensamentos se dão à realização e nem todos os desejos se cumprem. Aqui se trata não do conteúdo dos pensamentos e sim da sua qualidade. Apenas sonhar ou desejar ainda não é escolha. *Os sonhos não se realizam*. É indispensável cumprir determinadas condições das quais você saberá ao ler este livro.

No espaço das variantes existe quantidade infinita de linhas de destino para cada ser humano. Não temos razão para nos magoar com seu destino porque fomos agraciados com o direito de *escolha*. Nosso problema consiste em não saber o que fazer. O mundo se manifesta em toda a sua multiplicidade, parece como se ele tivesse sido criado para satisfazer quaisquer necessidades. Cada um pode encontrar aqui tudo que agrada à sua alma. Até nas diversas direções do saber o mundo mostra para nós aquele lado que queremos ver. Por exemplo, o idealismo afirma que o mundo é ilusão, e o mundo concorda. O materialismo afirma o contrário, e o mundo novamente não tem nada contra. As pessoas discutem entre si, impondo umas às outras sua relação com o mundo, e o mundo mostra que todas elas têm razão. Isso não é maravilhoso?! O espaço das variantes consiste nas chamadas ilusões, e a realização material é o que se entende por mundo material. Nós sempre recebemos o que escolhemos.

Quem conhece os princípios do Islã, sabe o que significam as palavras “o destino do ser humano está impresso no Livro”. Significa que o destino é predeterminado e não há como escapar dele. Tais afirmações

se encontram em outras religiões também. Na realidade, o destino do ser humano já é predeterminado. Os enganos das religiões consistem apenas em que a variante deste destino não é uma, mas uma multiplicidade infinita. Não se escapa ao destino. Isso também é verdade até certo ponto, porque não é possível mudar os cenários da variante. Lutar com o mundo circundante para mudar seu destino é uma ocupação muito difícil e ingrata. Não vale a pena tentar mudar o cenário, basta simplesmente escolher para si a variante que lhe aprouver.

É claro que tudo isso é bem inusitado e evoca dúvidas lancinantes. Mas eu nem contava com que você aceitasse imediatamente o modelo das variantes. Eu mesmo não acreditei até me convencer de que o Transurfing funciona, e funciona inegavelmente. Não há razão para priorizar um ou outro modelo só para alcançar alguma verdade absoluta. Possui significado não o próprio modelo, mas o resultado prático que este modelo permite. Diversos modelos matemáticos podem representar o mesmo fato físico de formas diferentes. Não seria engraçado se os especialistas em geometria analítica de repente se insurgissem contra a análise matemática e passassem a provar que a geometria é a única disciplina matemática verdadeira? Os matemáticos conseguiram chegar a um acordo entre eles, mas os filósofos e líderes religiosos não.

Onde se encontra esse espaço das variantes? A essa pergunta é muito difícil responder. Do ponto de vista da nossa terceira dimensão, pode-se dizer que está em todo lugar e em nenhum lugar. Imagine um plano infinito, sem começo nem fim, no qual moram serzinhos humanos de duas dimensões. Eles desconfiam que existe a terceira dimensão. Parece-lhes que o plano é o único mundo, e não conseguem entender como é possível existir algo além de seus limites. Mas sabemos que basta acrescentar a terceira dimensão a este modelo e será possível criar uma quantidade infinita desses planos. Então não nos preocupemos com o fato de que não temos condições de imaginar de que forma é possível existir, além do nosso mundo, uma infinidade de mundos paralelos.

É difícil acreditar na realidade da existência de mundos paralelos. Mas por outro lado, é fácil acreditar na teoria da relatividade, segundo a qual,

ao acelerar a velocidade do corpo, sua massa aumenta, as medidas diminuem e o tempo desacelera? Por experiência própria isso ainda é impossível de provar. Importa não se entendemos ou não, e sim qual é a utilidade prática que podemos tirar disso.

Discutir a prevalência, no espaço infinito, de um ou outro modelo é simplesmente absurdo e mesquinho. Imagine o aumento infinito nas distâncias. Lá longe não há limite. O infinito na diminuição das distâncias, por mais estranho, também não tem limite. Podemos observar apenas uma parte limitada do Universo visível. O telescópio bem como o microscópio possuem os seus limites. O infinito na direção do microcosmo em nada difere do infinito do macrocosmo.

Existe a hipótese de que o universo visível para nós aconteceu em resultado do “Big Bang”. Desde então ele estaria ininterruptamente se expandindo. Os corpos se movimentam no cosmo com velocidade enorme. Mas, por outro lado, considerando distâncias também enormes, achamos que a ampliação do Universo acontece muito devagar e leva muito tempo.

Sabe-se também que no vácuo, a cada instante, do nada nascem e logo desaparecem partículas elementares. Considerando a relatividade do espaço e do tempo, nada impede observar cada partícula dessas como um Universo em separado, semelhante ao nosso. Pois não sabemos a composição das partículas elementares. Para os físicos elas se manifestam ora como ondas ora como partículas. Avançando cada vez mais para dentro do microcosmo, as distâncias relativas se tornam tão enormes e o tempo para a observação interna novamente se torna mais vagaroso. Para o observador externo o nosso Universo existe um instante, como a partícula nascida e apagada no vácuo, mas para nós, como observadores internos, o Universo vive milhares de anos.

Quando você toma um gole de café, reflita: quantos universos eu acabei de engolir? Uma quantidade infinita, porque o infinito não se reparte em partes. Dentro do microcosmo “voar” é tão longe e demorado quanto nos espaços ilimitados do cosmo exterior. O tempo, assim como o espaço, é infinito para a frente assim como para trás. Secções de tempo podem

ser tão ilimitadamente pequenas quanto grandes. Qualquer ponto num trecho de tempo pode ser observado como ponto numa contagem, para ambas direções se estende o tempo ilimitado. O deslocamento do ponto na contagem pelo trecho do tempo nada muda nem na frente nem atrás.

Toda essa infinitude dos mundos encaixados um no outro existe simultaneamente. O centro do Universo se encontra simultaneamente em cada ponto, por isso qualquer ponto em qualquer um dos lados é circundado pela mesma infinitude. E todos os fatos existem simultaneamente pela mesma razão pela qual o centro do Universo está ao mesmo tempo em qualquer ponto. Isso é difícil de imaginar. Mas a infinitude também é impossível de abarcar com um olhar. Por mais que você se mova em pensamento pelo Universo, tanto mais se estende a mesma infinitude. Existem teorias ainda mais complicadas, de acordo com as quais o nosso Universo visível se transforma numa esfera finita no espaço quadridimensional. Mas isso não facilita, porque teoricamente as medidas novamente não podem existir numa quantidade infinita. Sem a possibilidade de imaginar tudo isso, somos obrigados a nos contentar com a nossa estreita visão e fingir que entendemos alguma coisa.

Muito na ciência atual é incompreensível e inexplicável, no entanto, isso não nos impede de usar seus frutos. Aplicando os princípios do Transurfing, você obterá resultados surpreendentes. Vamos combinar de não nos atormentar com perguntas, porque e de que maneira isso funciona. Com o mesmo sucesso, uma criança pode perguntar ao físico: “Por que os corpos se atraem entre si?” O cientista responderá: “Por causa da lei da gravidade.” A isso seguirá outra pergunta: “Por que funciona a lei da gravidade? E por que mesmo os corpos se atraem?” Não há resposta. Então deixemos essa ocupação ingrata de explicar alguma coisa, e vamos simplesmente usar os resultados do modelo das variantes. Não precisamos saber e entender tudo.

Decorre do modelo das variantes que o ser humano cria ele mesmo o seu destino. Mesmo assim, a concepção de destino no Transurfing se distingue das conhecidas. Em que ela difere? Difere no fato de que é possível escolher *sua felicidade, não lutar por ela*. Não se apresse a aceitar

imediatamente o modelo das variantes ou rejeitá-lo. Simplesmente faça a si mesmo a pergunta: você conseguiu muita coisa da luta com o mundo pela sua felicidade? Cada um deve decidir se continuará funcionando no mesmo espírito ou tentará outro método. Pois é possível gastar a vida toda na luta e mesmo assim não alcançar nada. Não seria mais fácil fazer com que o mundo venha ele mesmo ao nosso encontro? Pois ele só se ocupa mesmo em realizar a nossa escolha.

A encomenda escolhida se cumpre sempre e inexoravelmente. Mas a escolha não é desejo, e sim algo diferente, que você vai descobrir. Os desejos se cumprem apenas dos contos de fadas. Não é à toa que se enraizou a convicção de que cumprir desejos é muito difícil ou impossível. Demos apenas o primeiro passo para a solução do enigma do Guardião. Logo você vai descobrir porque os desejos não se cumprem, e os sonhos não se realizam.

Resumo

A realidade possui uma infinita diversidade de formas de manifestação.

A variedade múltipla do mundo é sua primeira propriedade fundamental.

Qualquer modelo apresenta apenas um aspecto separado de manifestação da realidade.

Qualquer ramo de conhecimento se baseia no aspecto escolhido de manifestação da realidade.

A sua escolha sempre se realiza. Aquilo que você escolhe, você recebe.

O espaço das variantes é o campo de informação do que era, é e será.

O campo de informação contém variantes potenciais de qualquer acontecimento.

A variante se compõe de cenário e decoração.

O espaço pode ser dividido em setores, em cada um dos quais existe a sua variante.